



**DOS FIOS À TRAMA: A INCIDÊNCIA DISCURSIVA NA CONSTITUIÇÃO DOS
CORPOS DANADOS DA *DIVINA COMÉDIA***

Rosely Costa Silva Gomes¹

INTRODUÇÃO

A produção literária, como todas as práticas discursivas, encontra-se regulada por certos procedimentos de exclusão, controle e delimitação de emergência dos discursos aos quais são submetidos os sujeitos que *assumem* uma determinada posição enunciativa. Como as demais práticas, a discursividade literária encontra-se atrelada a um regime de enunciação. Com base nesses pressupostos, inscritos nos quadros das abordagens históricas do discurso, tal como concebidas por Foucault (2000), objetivamos, pelo presente estudo, refletir sobre processo de constituição da trama discursiva que permitiu a emergência da *Divina Comédia* de Dante Alighieri. De forma específica, frente às exigências deste suporte, nos dedicaremos à identificação dos fios discursivos que se entrecruzaram, se excluíram na configuração dos *corpos* dos magos-adevinhos, descritos no oitavo círculo da parte dedicada ao Inferno na obra dantesca. Propomo-nos, assim, a descrever uma historicidade própria a cada enunciado, o que nos permite analisá-lo na singularidade de seu funcionamento, ou seja, na sua condição de *acontecimento*.

Este estudo, de caráter descritivo interpretativista, organiza-se pela reconstituição da rede de saberes/poderes articulados na produção dos enunciados em análise, a qual deve ser identificada como condição de possibilidade para a produção dantesca.

PERCURSO METODOLÓGICO

Partindo do princípio de que o autor literário, sujeito sócio-historicamente situado, serve-se de diversos fios discursivos disponibilizados em cada momento histórico na constituição da sua trama literária, nosso trabalho de investigação no âmbito da *Divina*

¹ Doutora em Linguística (com ênfase em Análise do Discurso) pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil). Endereço eletrônico: costarosely@gmail.com



Comédia, concentra-se na busca dos fios das estratégias de produção, cujo percurso de reconstituição parte da própria materialidade e, a partir dos vestígios aí identificados, vai-se reconstituindo a trama discursiva, cujas condições históricas possibilitaram a emergências dos únicos enunciados produzidos. Destarte, a partir da questão proposta no processo de investigação e do levantamento dos vestígios identificados na própria materialidade, buscamos ir mapeando, à maneira de um arqueólogo, os saberes e poderes que se correlacionam e tornam possíveis os enunciados produzidos.

O nosso trabalho tem, portanto, por tarefa primeira a apresentação dos fragmentos, recortados segundo o objetivo e a questão de pesquisa propostos. Em seguida, procede-se à descrição analítico-interpretativa dos excertos destacados, percurso que iniciaremos com a apresentação abaixo dos versos em que o sujeito-enunciador nos apresenta o corpo dos magos-adivinhos.

A INCIDÊNCIA DISCURSIVA SOBRE OS CORPOS DOS MAGOS-ADIVINHOS

Alocados no oitavo círculo do Inferno, destinado aos que cometeram diversos tipos de fraude, encontram-se os corpos dos magos-adivinhos, figuras cuja forma é descrita pelo sujeito enunciador *Dante* a partir dos versos que transcrevemos abaixo:

Quando, abaixando a vista, olhei direito, vi que espantosamente era torcido/ cada um, do queixo ao princípio do peito;//para as costas seu rosto era volvido,/e só andar para trás ele podia,/pois que de olhar para frente era impedido.//Talvez por causa da paralisia/ torceu-se alguém desse modo absoluto,/ mas nunca eu vi, nem crê-lo poderia.//Que Deus te deixe, leitor, colher fruto/desta lição, e vai por ti entendendo/se eu podia conservar o rosto enxuto,//nossa imagem assim de perto vendo/tão torta, que dos olhos lacrimosos/seu choro ia pelas nádegas vertendo.// (...) Vê como peito e dorso foi trocando; porque demais quis ver para adiante: pra trás ele olha, e anda recuando. (ALIGHIERI, 2009, p. 152-153).

Conforme a descrição, os corpos encontravam-se retorcidos, com o rosto voltado para as costas. A pena aplicada tinha por fundamento o fato de que aqueles *demais quisera ver para adiante*. A expressão destacada remete à prática de previsão do futuro. A condenação imputada ao corpo, que *para as costas seu rosto era volvido, /e só andar para trás ele podia,/pois que de olhar para frente era impedido*, emerge como uma possível interdição à prática de adivinhação.



Se nossa análise se limitasse ao nível da frase, poderíamos encerrar nesse ponto nossa investigação. Entretanto, nossa inscrição teórica e mesmo a questão de investigação proposta nos leva a interrogar a frase ao nível discursivo tomando o enunciado como unidade de análise. Novas relações devem, portanto, ser estabelecidas, pois, conforme alerta Foucault (2002, p.10), as interdições que atingem o discurso revelam sua ligação com o desejo e o poder. Nesse sentido, torna-se imperioso submeter o procedimento ao nosso escrutínio a fim de compreender como veio a se tornar elemento pertinente na constituição da trama discursiva da *Divina Comédia*, questão cuja compreensão exigirá o resgate de uma historicidade que é muito própria ao enunciado, as condições de sua aparição. Isso porque a prática de adivinhação remonta a priscas eras e seus sentidos não são percebidos da mesma maneira em cada momento histórico, como veremos adiante.

INTERDIÇÕES, RAREFAÇÕES, SABER, PODER: IDENTIFICANDO OS FIOS DA TRAMA

A prática de adivinhação remonta aos primórdios da humanidade e se alinha à consideração de um *intersemiose universal*, em que todos os elementos do cosmos encontravam-se interconectados; um mundo ordenado por uma simbologia universal, em que todas as coisas, sob algum aspecto ou em alguma medida, se correspondiam (FOUCAULT, 1999).

Essa interconexão entre os elementos constitutivos do cosmos fundamentava a prática de consulta aos fenômenos celestiais (a posição e o movimento de astros e planetas, eclipses, meteoros), a interpretação dos fenômenos físicos da natureza (vento, tempestades, fogo), do comportamento animal (uivo de cães, voo de aves, movimento de serpentes), da aparência de órgãos de animais sacrificados (fígado, pulmão, entranhas), das linhas na palma da mão. Isso se justificava pelo fato de que “para fruir intensamente essa sensação de *integração cósmica*, era necessário ao homem medieval percorrer a natureza e tentar encontrar nela o simbolismo da divindade ali impresso” (COSTA, 2002, XX). Por essa perspectiva cosmocêntrica da natureza humana, os sujeitos encontravam-se assujeitados aos imperativos do cosmos. Seu destino se encontrava *escrito nas estrelas* e em tantos outros elementos integrantes do cosmos. Daí a consulta aos horóscopos, à astrologia, à quiromancia, à interpretação de presságios e da sorte, os fenômenos de visão, o recurso à **necromancia...**

Entretanto, no contexto medieval, período de emergência da obra de Alighieri, uma



visão teocêntrica da natureza humana se contrapõe à visão cosmocêntrica e fundamenta as novas concepções do período. O homem, antes submetido à ordem universal cósmica, encontra-se agora sob os desígnios de uma ordem divina, de um Deus criador, que a tudo regia. No âmbito dessa perspectiva, estabelece-se uma divisão de papéis e algumas práticas divinatórias não são reconhecidas como saberes legítimos. Isso porque “para este papel, reivindicam-se os próprios membros do clero, continuamente reafirmados nos cânones eclesiásticos como os verdadeiros guardiões do sagrado”. (PEREIRA, 2012, p.53). Nesse sentido, podemos inferir que a interdição que se traduz na deformação do corpo pode estar relacionada a uma disputa pelo poder de mediação com o sobrenatural. Além disso, a prática de adivinhação trazia à tona muitas questões cujos poderes e perigos de emergência deveriam ser controlados, a exemplo da problemática da predestinação que se impõe como um paradoxo à doutrina do livre-arbítrio defendida por teólogos da Idade Média.

O resgate do aspecto acima, constitutivo da historicidade do enunciado nos leva a compreender a interdição. Entretanto, ainda cabe questionarmos: como uma determinada percepção da realidade pode se impor a outra de tal modo a se tornar condição de possibilidade para novas enunciações? Como a interdição imposta à prática de predição do futuro pelos não iniciados nos espaços dos mosteiros pode figurar no âmbito das temáticas de produção literária no contexto da *Divina Comédia*?

A resposta a essa questão nos ajudará a definir as condições de exercício da função-autor literário no contexto de produção da obra e, por conseguinte, as condições externas de possibilidade da *Divina Comédia*.

A *Divina Comédia* inscreve-se no interior de um domínio de obras produzidas com finalidade moral, religiosa ou escatológica. Parece ter se constituído no entremeio de duas outras produções muito comuns no mundo medieval: a *Visio* e o *Exemplum*, produções que, como tantas outras que remetem ao período, encontram-se invariavelmente ligadas aos mosteiros. Esses espaços eram os principais, e, por vezes, os únicos centros de educação; a instrução tinha como fim a formação de *futuros monges*, do *clero secular* e dos leigos propagadores da fé cristã. Logo, somente estariam aptos a entrar na *ordem do discurso* e daí enunciarem aqueles que fizessem parte de alguma ordem, de um corpo religioso ou sagrado. Por essa restrição, apenas tinham acesso à escrita aqueles que se encontravam de algum modo ligado às atividades praticadas nos mosteiros. Era dali que saía o *homem das Letras*. Esse dado traz à luz o modo como, naquele período, as produções literárias poderiam se entrecruzar com as instituições religiosas ou mesmo delas se afastarem, ao mesmo tempo em que nos favorece uma análise do regime de enunciação. A elite



intelectual encontrava-se, invariavelmente inscrita nestes espaços e a eles subordinados. Dessa relação estabelecida entre o sujeito autor e os espaços de produção, produzem-se filiações que interferem nas regras do dizer; afinal “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância” (FOUCAULT, 2002, p.9). Essa constatação nos permite inferir como a interdição à prática de adivinhação, exercida pelos não iniciados nos espaços dos mosteiros, pode se enquadrar entre os fios de configuração da trama do corpo dos magos-advinhos, ajudando-nos a compreender *como apareceu aquele enunciado e nenhum outro em seu lugar*.

CONCLUSÕES

No estudo aqui desenvolvido buscou-se refletir sobre o processo de produção da discursividade literária utilizando-se dos pressupostos teórico-metodológicos da arqueogenealogia foucaultiana. Por esse viés teórico, analisamos a constituição dos corpos dos magos-advinhos que se encontravam alojados no *submundo dantesco*. A análise do processo de produção desses corpos colocou em evidência a supremacia da Igreja, como centro de produção e difusão de saberes institucionalizados, e responsável pela hierarquização e legitimação dos saberes considerados em correlação com a Verdade. Mais do que saberes referentes à produção de Alighieri, já tão estudada sob diversas perspectivas teóricas, o presente estudo pretendeu dar visibilidade a uma perspectiva de abordagem histórica dos discursos. A perspectiva que ora se apresenta analisa a obra em correlação com saberes e poderes em concorrência num dado momento sem que tal gesto remeta à instância do Mesmo. Cada produção é analisada na sua singularidade, a partir da identificação dos fios discursivos *selecionados* por uma dada constituição subjetiva *responsável* pela composição das belas tramas constitutivas da obra. Alerta-se para a ciência de que o processo de reconstituição não se esgota nos aspectos identificados e não se pretendeu exaustivo. Trata-se de uma pequena mostra de como saberes e poderes se entrecruzam nas composições enunciativas. Novas questões podem revelar novas relações discursivas que se vão contrariando e compondo a tessitura analisada. Em nosso percurso, partimos da materialidade para a reconstituição da rede discursiva, constituída dos fios à trama.



Palavras-chave: Foucault. Discurso. Literatura. Divina Comédia.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução, comentários e notas de Ítalo Eugenio Mauro. Prefácio de Otto Maria Carpeaux. São Paulo: Editora 34, 2009.

COSTA, Ricardo da. Olhando para as estrelas, a fronteira imaginária final: Astronomia e Astrologia na Idade Média e a visão medieval do Cosmo. *In: Dimensões - Revista de História da UFES 14. Dossiê Territórios, espaços e fronteiras*. Vitória: EDUFES, 2002, p. 481-501.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salam Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.